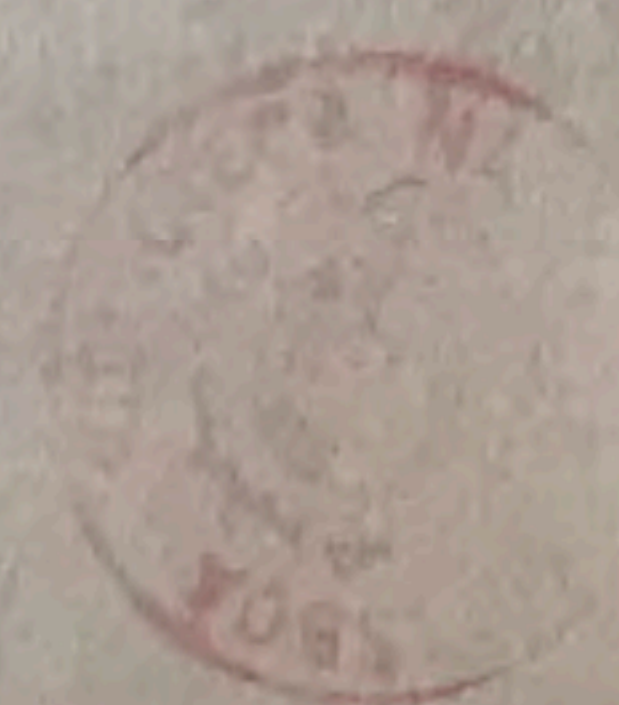


# tríptico



arte · poesia · crítica

2





# FLORES DE VIDRO

Só às almas serênas é dado apurar ideas perfeitas.

Em minha canseira, bem árdua, de Artista, não há já desgraçado, por mais abjecto, que eu não tenha tratado.

E' que tem para mim magnético encanto a *especial* música das lágrimas . . .

A sciência mais exacta é ainda a Poesia.

Das mais pequenas coisas, os sucessos mais estranhos. Feri um fósforo na treva e vereis como logo move uma farândola de sombras.

Pior do que uma bisnaga de vitríolo é, para a máscara humana, o pincel do mau pintor.

O Silêncio, a Luz — outras tantas flores do Espaço!

Ancêde. 1924.

VISCONDE DE VILLA-MOURA.

## A folhinha do salgueiro e a vida das crianças

— Numa festa da Primavera em Coimbra —

« A folhinha do salgueiro  
É a primeira novidade.  
Quem madruga não alcança,  
Que fará quem se ergue tarde! »

Mas conheceis vós esta « primeira novidade », o salgueiro das vergontas assustadiças que se baloicam, ao menor vento, debruçadas para as águas do Mondego, ou fachimam os valados das nossas leiras do campo, — o das flores aclamídeas?

Conheceis vós estas varinhas verdes, tão plásticas que se vergam para formar cestos e cabases, ou se esfibram para fazerem os famosos palitos de Lorvão, rendados alguns como filigranas de ourives, esculpídos, em detalhe, com delicadezas de capitel coríntio?

Receio de vós, rapazes e raparigas que me estais ouvindo, e as minhas apreensões calam fundo enquanto me lembrar a mim que, neste passado Outono, levando-vos eu para as aulas algumas fôlhas dos Plátanos que ensombram as nossas ruas, praças e avenidas, — para que as desenhásseis, — muitos de vós, quási todos, não lhes sabiam o nome.

Quando assim não conheceis as belas árvores de ao pé de casa, que fará das que só de longe podeis ver!

Ah! quem traz os olhos fechados para a Natureza, não saberá abrir o coração para a vida, nem a ternura florirá nas Almas, e tóda a palavra sairá sêca dos lábios porque nenhuma imagem terá pronúncia de beleza.

Primavera. Crianças. A folhinha do salgueiro é a primeira novidade.

Quereis vós saber o que a folhinha do salgueiro representa na vida das crianças? a página de educação social que ela descreve? a poesia da imagem que a desenha?

Pois vinde de aí comigo até onde se goza a Primavera, até ao campo, a uma das nossas aldeias das margens do Mondego, agora que a gente de lá vai deixando a vida-das-cheias, a pesca da sertela e da nassa, para se deitar à charrua, que está para começar a lavra do campo que já enxuga, rasgando-o de fundos sulcos — as leivas, — que entorroados pelo sol que as requeima, quando o tempo aperta, são bravias como pragas.

Vamos. Interessa-me muito a vida das crianças e é essa que eu desejo que surpreendeis neste dia de Primavera-festejada:

A vida das crianças e a folhinha do salgueiro.

Atentem bem no quadro: três, quatro ou mais crianças brincam à vida. Alguns cacos de louça fazem de pratos para a comida e de púcaras para o lume. Um pedaço de telha de beiral serve de giga ou cesta para hortaliça. Três pequenos gravetos espetados no chão imitam a trempe. Um naco de lama modela um forno. E o terreno onde brincam está dividido por uns riscos de areia que são as divisões das casas.

— Eis o lar. Eis aqui todo um viver que não muda desde o berço ao túmulo.

Estas crianças não-de ser isto por tóda a santa vida: Uma casa de telha vã, fumegante, onde não há mais mobília do que esta das crianças, — em inteiro, em grande.

E' a cesta de vêrga para ir ao couval, aquele caco para onde a criança colhe dos muros velhos as fôlhas peltadas das chagas, — as couves do seu brincar, e, como assim, dos musgos dos telhados, das sêsseis e carnosas fôlhas de musgo, uns pequeninos bagos, cachos, faz o arroz para a cosinhada.

— Arroz dos telhados o povo chama a este musgo! Está certo. As crianças nunca se enganam. Mas o lume? o tempero? a carne? o peixe? Nada lhes sobra mas também nada lhes falta, imitativamente.

Tudo a sua fértil imaginação poética inventa, cria, constroi, a tempo e a horas.

— Agora, vejam! é uma das pequerruchas que saiu do rancho e volta a apregoar, — com um pregão alto de varina, — indo à cabeça o caco de telha, cheio de fôlhas de salgueiro, — sabem o quê? — um peixe miúdo das valas, a apregoar roubacas!

Quem merca roubacas, compra folhas de salgueiro. Eis o seu desenho! Elas são pisciformes.

Primavera. A folhinha do salgueiro é a primeira novidade.

Coimbra, 22 de março, 1924.

AFONSO DUARTE.



## Paço do Milhafre

**A** beira de água construí meu paço  
De rei-saudade das distantes milhas:  
Meus olhos, minha bôca eram as ilhas;  
Pranto e cantiga andavam no sargaço.

Atlântido, encontrei no meu regaço  
Algas, corais — estranhas maravilhas! —  
Fiz das gaivotas, minhas próprias filhas;  
Tive pulmões nas fibras do mormaço.

Enchi infusas nas salgadas ondas  
E oleiro fui que as lágrimas redondas  
Por fora fiz de vidro, e dentro, de água.

Rocha brava, se a quis, fingi de Deus:  
Nas estrélas afiei os dedos meus  
E foi no peito que talhei a frágua.

1922

VITORINO NEMÉSIO

## Canção da noite e da chuva

**P**esa-me a noite nos ombros,  
pulsa o silêncio dorido.  
Agora pode gritar  
quem quiser ser bem ouvido.

De súbito a chuva cai  
sobre a noite, enche-a tôda:  
— o meu olhar que se esváí,  
e o vento dança de roda.

Água de espelho caída  
do céu à Terra, pra lama,  
deu-te a grandesa da vida  
que fôsses morte da chama.

Prá noite sou mais pequeno  
que o coração do meu peito,  
do que uma gota de chuva,  
um grão de areia desfeito.

E a noite fez-se maior  
quando a chuva abriu o céu.  
Morria o vento de dor  
e rindo chorava eu!

BRANQUINHO DA FONSECA.

## Canção

**A**ssim que nasce, brilhando,  
A luz macia da lua,  
Corro á janela, julgando  
Que és tu que passas na rua.

E quando o sol aparece,  
A mesma cousa acontece...

Vê lá tu em que anciedade  
Viverei por culpa tua  
Até que seja verdade  
Sêres tu que passas na rua!

1924

JOSÉ BRUGES D'OLIVEIRA

## Castanheiros

**Q**ue adorável encanto os castanheiros  
Sob o ouropel da fôlha e das castanhas  
A medrar no recôsto das montanhas  
E em volta dos casais pelos outeiros!

Que esplêndidos na linha dos valeiros  
E à orla das escarpas entre brenhas,  
Lá onde pascem ovelhinhas prenas,  
Ao dolente cantar dos pegureiros!

Porém no outono o ouriço, oh fina graça!  
Rasga-se em cruz, oferta-se a quem passa  
E fôlha e fruto rola e cai a rodos!

Gado e crianças tudo rói e apanha  
E os castanheiros, que lição estranha!  
Assim se despem por amor de todos!

JOAQUIM DE ALMEARA.

## As andorinhas

**I**  
**A**s andorinhas que eu tive  
ao pé de mim, em redor,  
partiram, foram-se embora,  
Em busca de mais calor!

**II**  
Andorinhas! Andorinhas!  
Para onde iriam elas?...  
que nunca mais as ouvi,  
ao pé das minhas janelas!

**III**  
E mal o Outono chegou,  
— oh tardes do Céu em brasa —  
fez-se um silêncio profundo,  
nos beirais da minha casa!

**IV**  
Seus ninhos jazem desfeitos!  
Inverno! Desolação!  
Cheias de frio lá foram...  
Quem sabe se voltarão?!...

ALFREDO BROCHADO.

## De longe

**D**e longe!... Vejo o fumo do teu lar!  
Que alegria não sinto no meu peito!  
Transborda nêle todo o teu olhar  
á procura do meu triste e desfeito...

Mas que alegria, meu Amor eleito,  
não sinto dentro em mim a transbordar!  
Que alegria não sinto no meu peito!  
De longe!... Vejo o fumo do teu lar!...

Poisarei os meus olhos, longamente  
nos teus olhos que há tanto já não via,  
no teu rosto de virgem sorridente...

Mas ponho-me a pensar naquele dia  
em que de novo ficarei ausente,  
e foge-me outra vez tôda a alegria!...

Coimbra, 1923.

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.



# PALAVRAS MORTAS

**D**um amigo que morreu, ficaram-me em testamento alguns papéis. Dêles extraio estas palavras que aí vão:

1  
«Nunca me encontrei. Se tento ser coerente há uma força que me arrasta consigo não sei para onde e me obriga a perder-me de meus passos. Sou tal a minha sombra fugindo-me eternamente.

Tudo o que escrevo quisera nunca ter escrito porque entendo a criação o maior pecado humano. Conquanto não seja Deus, sou homem: e os homens reúnem em si sua imperfeição e a de Deus.

Quando o Senhor, tomando o barro vil, modelou nossa figura e dentro lhe vasou a alma, devia andar com as mãos bem trôpegas, porquanto não posso conceber que a perfeição crie a imperfeição.

2  
Cai a noite sobre o meu corpo. Sinto-a nos cabelos, tenho-a nos olhos e nos ouvidos e ainda que neste momento nascesse o sol para mim seria noite de tal modo me habituei a não acreditar na sua luz. Abro os olhos e não vejo. Por maior que seja a claridade, o negrume continúa a roçar o meu cabelo; e os olhos são cegos por mais que os abra.

Só na escuridão posso sentir profundante. A luz dispersa-me os sentidos e assombra-me de tal sorte que quasi odeio o sol e chego a andar de olhos fechados durante o dia. Talvez os cegos sejam inteiramente felizes...

3  
A Morte é coisa tão próxima que basta fechar os olhos para logo a ver de encontro a mim. Quando cerro as pálpebras tudo que fica para além delas é treva.

A Vida não existe fora da nossa criatura. Somos nós, homens, que a criamos. Se nossos olhos um dia se fechassem todos no mesmo momento, deixaria de existir o Mundo...

4  
Se me encontro só, durante a noite, na escuridão do meu quarto, ouvindo o coração bater de encontro ao peito, penso que, cada pancada que vai dando a mais é uma pancada a menos que haverá de dar.

E o que será um peito sem coração?

5  
Somente as árvores conseguem dar-me o sentido da Vida. Emquanto as raízes mergulham na terra já os braços vão entrando no céu.

Eis no que se resume a existência!

6  
Esta figura que se senta aqui a meu lado deve ser o fantasma da minha sombra.

Sou em crer que todo o homem é a sombra doutro homem, e, se isso é verdade, porque me não falas? Talvez já pensasses naquilo que procuro para pensar e não encontro, naquilo que está dentro do meu mundo e não consigo achar! Sim; tu sabes que afinal todos os homens são bons, desde o que nos lambe as botas até ao que maliciosamente nos vai trincando o coração pelas costas, e que, mutuamente nos afiguramos bons ou maus, consoante nossos pensamentos são bons ou maus também.

Continuas sentado a meu lado e não me dizes nada. Há momentos em que quisera que falassem, fôsse lá quem fôsse que falasse! Há outros, no entanto, em que desejava todas as bocas fechadas e só a minha aberta para poder gritar — falem!...

Estás talvez julgando que endoideci? Não! Eu continuo a ser aquela figura que encontras sozinho por essas ruas conversando as pedras e perguntando aos olhos dos que passam: — sabes quem eu sou? Ninguém deixará de pensar o que eu próprio pensarei de mim, porém, só tu continuarás sabendo eternamente o verdadeiro mistério da minha vida, da nossa Vida, Homens!

7  
Já que principiei a falar contigo a esta adiantada hora da noite e o sono não me chama embora procure largar a pênna que me tortura e faz dizer o que não devia; já agora, dize-me, porque não poderei saber o motivo da tua presença contínua na minha vida? Será que eu não mereça que a tua voz desflore meus ouvidos no silêncio intermimo desta noite, em que se ouve apenas o bater do coração e o tombar monótono da água naquela pedra lá fora ao luar? Porque não respondes?

Continuo a crer que és o fantasma modelado da minha sombra. És, com certeza, a essência da minha sombra...

8  
Abro os olhos e não vejo. Porque será que o céu é azul e a água sem cor? Não há nada mais singular do que isto! E, no entanto, tenho os olhos abertos e a boca pode gritar bem alto: o céu é azul e a água sem cor!

Vejo e grito. Dos olhos me saem lágrimas, da boca soluços. E estas lágrimas quem mas pôs nos olhos, e estes soluços quem nos trouxe à boca?...»

Pela cópia — JOÃO GASPAS SIMÕES.

## Uma poesia inédita de Gonçalves Crespo

**P**ublicamos hoje uma poesia inédita de Gonçalves Crespo, que devemos, nós e o leitor, à gentileza dos srs. Drs. Bernardino Machado e Lopes d'Oliveira. A sua história é simples: pedida, pelo primeiro, ao autor, para celebração do aniversário de uma criança, como se depreende de sua letra, foi mais tarde oferecida a

Lopes d'Oliveira, por amabilidade de quem hoje nos veio às mãos.

Três oitavas de um correntio lirismo, encima-as no autógrafo de fina letra nervosa uma nota, consagrada a Bernardino Machado, donde se infere o improvisado dos versos através de uma humorada de pitoresca energia. É pena que não fique reproduzida aqui...

Miniaturista delicioso, músico de rimas, Gonçalves Crespo deu ao Parnaso português virtudes novas, aqui e ali de ritmo claro e simples, mais além de muito suaves côres. Com António Feijó perfaz o díptico de iluminadores do verso; e é bom, agora que os dois são mortos, que a nossa lembrança em louvor de ambos se acenda e assim perdure.

**D**ous annos só, que ventura!  
Folga e ri, linda creança!  
Eu vejo tanta esperança  
Na tua vida em botão!  
Para ti ha só aromas  
N'este pantano da vida,  
Sobre o teu leito, querida,  
Solta risos a illusão.

Folga e ri, linda creança,  
Quando tu fores maior  
Talvez que julgues melhor  
A infancia que desmaiou.  
É que a tua alma de moça  
Ferida pela amargura  
Queira voltar à ventura  
Que para sempre passou.

Passa a ventura depressa,  
Como o sol, como a alvorada,  
Como a nota enamorada,  
Que o echo repete alem.  
O que nunca desaparece,  
É essa doce lembrança  
Que tu deves ter, creança,  
Dos beijos de tua mãe.



# Páginas Alentejanas

por Augusto Picão Telo

A voz do abegão, potente como um estrondo no silêncio encantado da campina, diz do meio das sombras da madrugada o clássico — Vá de agarrar! — e minutos depois, quando o sol mostra a cara envergonhada por cima dos cabeços, já a ganharia atrás dos arados deixou os colóquios do caminho, para se dedicar de alma e coração à faina da lavoira.

E volta acima, volta abaixo, rasgando o campo do alto ao fundo, parando classicamente no começo e fim de cada régo, do sol nado ao sol pôsto, a lavoira continua sem incidentes de monta, como labuta sagrada que nada pode interromper.

Atrás dos ganhões, saltitantes, quasi imponderáveis, as alvéolas ou levandiscas põem uma nota alegre e distractiva na monotonia do trabalho.

As azinheiras ramalhudas, velhas, perpétuas companheiras da planície, lembram na sua atitude de estáticas a segura garantia do carinho dos manes e enquanto o ventre da terra vai sendo rasgado à lanceta do arado, filosofam elas na sua quietude patriarcal, cogitando com gravidade e recolhimento no mistério da vida que lhes corre o corpo.

Mais ao lado, nas belgas já lavradas e gradadas, o sementeiro com o saco do trigo preso ao ombro e tomando-o na mão esquerda, como um vivo bronze hierático, caminha lépido, de baixo ao cimo das tornas, atirando para ambos os lados, a gestos ritmados de curva, os punhados de grão, num mecanismo todo sapiente que não falha.

O campo então lembra-me as almas e o sementeiro um espírito bemfazejo que as vai fecundando, numa sementeira de esperanças.

Mais em cima, a meio do tecto do céu, as nuvens vão correndo impelidas pelo hálito de Deus, para de espaço a espaço largarem sobre a Terra a chuva fecundante e miúdinha, como uma poalha finíssima de lágrimas desfeitas.

Ao largo, em grupos de três e quatro, atarefados, sófregos, grasnando tagarelas, andam os corvos crocitantando à procura de sementes perdidas.

A' tardinha, pela boca da noite, o abegão larga a voz — Ferra! — que é de praxe velha e dão-se por findos os trabalhos do dia.

E então os pachorrentos bois já sôltos, dirigem-se para a pastagem, enquanto a ganharia regressa ao monte.

.....  
E quando os ganhões chegam de volta, a planície retoma o seu habitual silêncio.

Parece então que das coisas mortas se evolva uma alma subtil, um perfume de paz que nos penetra e que cheio de unção religiosa nos faz pensar na dor resignada das coisas do Universo e nos toca e nos impregna dum suave encantamento todo feito de pureza e doçura.

Dentro em pouco tudo repousa: as coisas, os animais, os homens.

Quando muito, se a tarde é amena e tépida apenas fica desperta encostada ao peitoril duma janela a filha do lavrador, dezoito anos de carne, primavera cheia de cio, que de olhos vagos locando os longes parece interrogar as sombras do montado, toda absorta e penetrada de um forte sensualismo que mal desperta e é logo torrente impetuosa que nada pode deter.

Passados instantes, o espírito do silêncio toca até ao âmago e ao fundo das suas fontes as vozes das coisas. Tudo se cala.

Poder-se-iam ouvir nessa transparência aérea, as vozes extintas dos pastores que tivessem ecoado há mil anos ou mais.

E então a planície deserta é como um vasto oceano de escuridão, ou como os subterrâneos do mundo das trevas.

Depois, de hora a hora, a campina amortece, dilui e dissolve em si numa precisão espantosa de periodicidade, as vozes dos galos que de pé nos poleiros se espertinam uns aos outros pela noite adiante, para que não percam na morte aparente do sono as poucas horas de vida, que a natureza lhes concedeu.

De vez em quando a presença incómoda de um maltês que se avizinha a passos cautelosos de raposa, desperta e põe de atalaia os rafeiros dedicados; e mal ele se aproxima mais, é então uma orquestra desafinada de regougos resmungantes, de uma instrumentação profusa de sons conflituosos, onde os há desde as notas de requinta de um esgrouviado canicalho de portas a dentro, até às graves de bombo, dos mastins do gado.

Outras vezes começa a vir das bandas do Pego, ao principio em carícias leves e por fim em tormenta tresloucada um enxurro de vento que tudo assola e que rebenta as arvores pela raiz com estrondo retumbante.

Dir-se-ia que milhões de titans alados voam pelo ar numa galopada de fúria, acotovelando-se com frenesi.

Se um segundo se ouvem menos é para tomarem fôlego aos sorvos

violentos e em seguida podem retomar o desfreado golpe.

E o espectáculo dá-me a ideia de que esquadrões sobre esquadrões, se vão despedaçar num remoinho formidável de encontro às barreiras firmes, inexpugnáveis e maciças de uma potente barbacã.

Depois abranda; assemelha-se com o destroçar estenuado, exausto, das hostes que se foram estacelando.

Por fim tudo volta à quietação.

Erra sobre a planície o espírito maligno da noite. A treva tece um manto de malefícios e de médos que nos deforma os contornos das coisas e no-las transfigura em terrificantes monstros apocalípticos.

Pesa sobre as ramarias um ar de quebranto e sono.

Entanto, no ventre ubérrimo da terra vão-se desenrolando aos milímetros as tragédias sacrossantas dos partos dos trigos.

A manhã põe-se de marcha lá para as bandas do oriente; e após a batalha muda que toda a noite se deram a luz e a treva, o espírito gladiador do dia, olímpico e forte, alevanta de uma arrancado herculea, para cima dos lábios do chão o disco incendiado do sol.

Ei-lo que aponta; é um romeiro infatigável que não acerta com a sua Jerusaém e que teima em vir todos os dias retomar a mesma estrada e dar a salvação a tudo que topa sob o seu caminho. É esse mesmo espírito vencedor e heróico recomeça então a escrever em cada manhã um novo poema épico, servindo-se das mil penas dos raios do sol. É ao mesmo tempo que ele alinhava a sua primeira estrofe, rompe triunfal para o azul a rapsódia apoteótica e cristã do dilúculo. A natureza sedenta bebe o leite de luz vindo do seio inexgotável de Deus e agradecida reenvia-lho feito em orvalho, a correr como lágrimas pelas faces das fôlhas.

As águas das fontes e dos ribeiros que durante a noite arrastaram gemendo o canto elegíaco e soluçante das suas saudades, cantam agora a alegria da luz, de montes para vales, desde a montanha ao mar.

E' manhã.

Suponde a alma clara de uma virgem de dezoito anos, a ser iluminada pelos divinos esplendores da paz da consciência e tereis o espectáculo da pura claridade da minha terra, à hora criadora do Sol-nado.

(Do livro *Evocações Alentejanas*, a sair brevemente).

## OS VERSOS DE AFONSO MOTA GUEDES

A redação do « Tríptico », desejando publicar os versos do malogrado Poeta que aos 22 anos, frequentando o quinto ano de Direito, abandonou Coimbra, deixando colaboração na « Rajada » e « Diônisos » onde se firmou como uma das mais belas e sádias sensibilidades da sua geração, e que misteriosamente a loucura emudeceu para sempre, pede a todos os seus antigos companheiros os versos que por ventura dêem conhecer ainda não publicados.

Ao Senhor António Boto pedimos já vênias para dar como pertencendo a Afonso Mota Guedes a quadra do vilancete primeiro do seu livro « Motivos de Belesa ».

« O poeta que nos encantára é hoje uma sombra que faz medo; informa-nos Teixeira de Pascoais.

« Passa dias e noites num cemitério, sem comer, nem dormir, prêso a quatro palmos de terra: o tumulto da mãe ». Há pouco ainda os camponeses da aldeia, acompanhavam um defunto ao cemitério. Mal atravessaram o lugubre portal, fugiram, vendo erguer-se duma cova a figura inesperada do Poeta.

E' um fantasma que faz medo. Perdeu a aparência, o relevo humano, o contacto com os outros. E' só alma, é alma extrema afinada até à loucura, absorta na dôr até à petrificação indiferente.



# C R I T I C A

**Aleluia** — versos de Angelo César — Coimbra Editora, Limitada.

É coisa assente pelos sábios que a arte do pensamento na sua mais bela expressão escolhe com indiferença a prosa ou o verso. Daí a injustiça de certo escritor afirmando que amava um cão porque este desamava os poetas. Em verdade, todos nós compreendemos e melhor sentimos o que somos capazes de realizar ou ambicionamos e por isso não espanta que os meus poetas favoritos escrevam quasi sempre em prosa... Defeito, por certo, de sensibilidade ou intelligencia, já agora irremediavel. Tudo isto é prologo pouco amavel mas verdadeiro para falar dum poeta. Esta Aleluia, que appareceu, ao invéz das outras, antes das três, procede, o que mais admira, o Evangelho, a Boa Nova... Em cada trecho, mesmo em cada verso, ha a confissão duma attitudé humana e humilde repassando as canções, os sonetos, as quadras, tal e qual a agua viva dos prados, a alumiar por entre a herva. Essa attitudé manifestara-se já e com nitidez, no primeiro livro, era um animismo panteista e doloroso; na Aleluia esse animismo a modos se restringe e exacerba numa particular entidade, as coisas largamente comprehendidas são agora vistas atravez dum principio dominante. Evolução, afinal. Quasi todos os aspectos caracteristicos da Boa Nova transmigraram, com mais perfeição e amor, para este novo livro: a résa das fontes e pinheiros, a mansidão das ovelhas. Alguns houve, contudo, que por estarem fóra da puresa mistica requerida, foram banidos ou naturalmente desapareceram: Medievo, onde ha seios nus e o corpo dum pagem, Para os tisticos em que a tosse é abafada e o brilho dos olhos amortece, Outono duma tristeza fria e desesperadora.

Olhando de alto e desprezando os relevos miudos, consegue-se distinguir duas correntes que, sem serem opostas, nem por isso menos se diferenciam: dum lado, a comprehensão idealista da natureza, animada por um principio geral de simpatia e solidariedade; do outro, a tendencia para os temas mais restritos, episodicos, da vida episodica e vulgar. A primeira modalidade está paredes meias com certa poesia de Correia de Oliveira e Pascoais; a segunda é mais variada em cultores, podendo ir de João de Deus a Fr. Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes. Mas em todo o verso Angelo Cesar apõe o sinal característico da sua individualidade, a ternura moça de quem

muito sente, junta à tristeza de quem olha o mundo. Na fala surda dos pinheiros, na rudeza agreste dos penedos, até aí existe a dor, porque o artista como os pinheiros, é poeta e sê-lo

*E sentir a vossa magua,  
E ter na voz fios de água  
Que vem do seio da terra...*

A noite dá-lhe alucinações, lembra-lhe uma viuva debruçada sobre o campo, e como ainda hesita, veste de negro a descrição, põe escuro em palavras rastreadas com luar:

*Chorei sobre o meu tinteiro  
E a tinta ficou mais preta...*

O conhecimento da humanidade traz-lhe a certeza da aridez e grosseria das almas hodiernas, pois que se Jesus voltasse agora á terra, seria despresado e escarnecido. Isso mesmo tem dito muita gente, Junqueiro, sem ir mais longe. O livro é mantido por um sólido e pensado equilibrio, composto sob certo plano e com um fim previsto, que se o faz perder em exuberancia de composição o torna mais valioso pela certeza e formosura dum caminho nunca abandonado. Pulsa como sangue um ideal de pureza e amor, uma casa branca e só, o amor do simples e bom será das pedras, alisadas pelos beijos, do choro das aguas, das estrelas que guiam magos como os rafeiros dos cegos no caminho degredado. Muito de simpatia de Angelo de Cesar é a fluidez e dinamismo vital das coisas, dos seres e pensamentos. Sentou-se à beira do rio da vida, a vê-la passar; não pendurou a lira nos salgueiros da margem para que o vento a fizesse gemer, mas sofreu a dorida influencia de assistir á morte do que é, molificado e desfeito pelas lagrimas. É da humidade vaporosa e clara desse rio, onde, como diz Heráclito, se não desce duas vezes, que as paginas do livro estão embebidas, assim claras, macias e tristes como um casulo de nevoa desgarrada. As figuras do povo, a gente baixa que ali fala e sente, são figuras mais idealizadas que vistas: representam apenas estados varios da sua alma, attitudes de perfeição e religiosidade, bem distantes do naturalismo grosseiro, às vezes simples e profundo, mas que é sempre a realidade. Mostram-se como concepções de base numa impressão desejada, impressão que logo se subjectiva e torna íntima. Saem um tanto fora desta regra as Saudades da minha aldeia.

A forma do periodo é simples, clara e propria, mais cheia de brandura, empregando talvez com demasiada profusão os diminutivos; algu-

mas imagens, por se ajustarem com precisão ao seu modo de ser, repetem-se com certo exagero, dando um tom levemente monótono que a outros parecerá artificio de bem exprimir o encoberto. É, de resto, a unica coisa que se não coaduna com o meu pensar. Será porventura um defeito?... Não escolhendo, quero destacar entre o que mais me agradou as Cantigas para os pobres, a Canção das fontes, e os tres sonetos Fogueira pastoril, Inverno e Saudades da tua voz. Ao terminar confesso que Aleluia é um livro que, mesmo sem o reclamo doutros, nada inveja aos de Alves Martins ou Americo Durão, um livro de alto lirismo, cheio da graça todo espirito de certas pinturas que ainda hoje se veem nas catacumbas de Roma. Para o ideal que a sua anciedade busca, de joelhos e com olhos brilhantes, ficam bem como sintese, na vida e na morte, estas palavras gravadas sobre o túmulo Caesidius Faustinus: Bonae animae in pace.

M. C.

**Horas de Combate** — por Guerra Junqueiro — com um prefacio de Mayer Garção — Porto, Livraria Chardrom — 1924.

Agora que Junqueiro vive apenas na gloria da sua obra, é consolador evocar tudo quanto o seu genio criou. E as palavras que o livro, ha dias publicado, regista, são, além de fulgurações de um grande espirito, actos representativos de grande coragem cívica e valor moral inconstado.

Entre eles notaremos o discurso lido em 1897, em comicio publico, onde Junqueiro definiu, bem claramente, o seu ideal politico, sem que o filosofo, o pensador esquecesse outro maior — o ideal humano.

Belas são igualmente as palavras ditas pelo grande Poeta no tribunal que, em Abril de 1907, o julgou em virtude de afirmações produzidas em manifesto á cidade do Porto, que a justiça desse tempo julgou ofensivos da pessoa do Rei D. Carlos.

Para honra dos juizes que constituam esse tribunal, devemos informar que o Poeta foi condenado sim, mas apenas pecuniariamente.

Outros factos assinala ainda o livro, factos que, tendo impressionado vivamente a opinião pública, convem lembrar às novas gerações, que os desconhecem ou os conhecem às avessas.

T. da F.

número  
2  
série  
1

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Agostinho Jorge — Alberto Van Hoertre  
de Teles Machado — Angelo César — António de Sousa —  
Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de  
Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões —  
Vitorino Nemésio

redacção: rua Dr. João Jacinto, 38

Coimbra  
1  
maio  
1924